

ANNE JACOBS

REENCONTRO *na*
VILA
DOS
TECIDOS

LIVRO 6



ARQUEIRO

PARTE I

I

Abril de 1939

A silhueta da Estátua da Liberdade encolhia ao longe. Aos poucos tornava-se um minúsculo tracinho cinza no horizonte e, por fim, desaparecia completamente na neblina. O navio *Bremen* atravessava o Oceano Atlântico, e as ondas cada vez mais fortes jogavam a embarcação para cima e para baixo. Era possível sentir as máquinas do navio trabalhando a todo o vapor.

– Nunca mais vamos ver a mamãe? – perguntou Kurt.

O garoto de 13 anos estava em pé ao lado de Paul na balaustrada, olhando para onde a cidade de Nova York e a costa tinham desaparecido havia poucos minutos.

– É claro que a veremos de novo, seu bobinho – disse Dodo antes que Paul conseguisse se recompor para responder. – Ano que vem vamos visitá-la em Nova York de novo. Talvez até antes disso.

– Até ano que vem é uma eternidade...

– O tempo vai passar mais rápido do que você pensa, Kurt!

O menino se calou. Segurando-se com força nas hastes metálicas brancas da balaustrada, encarava as ondas escuras que quebravam no casco do navio.

– Acho que vou passar mal de novo – murmurou ele.

Finalmente Paul conseguiu se libertar do persistente estado de espírito depressivo que naquele dia escalara para uma angústia dolorosa.

– Não, desta vez você não vai passar mal, não – disse ele, acariciando o belo cabelo escuro, ondulado e macio que o menino herdara de Marie.

– Vou, sim – insistiu Kurt. – Daqui a pouco vou vomitar.

– Vamos até a cabine – sugeriu Dodo. – Vamos abrir os presentes que a mamãe nos deu.

A distração funcionou. Kurt fez que sim com a cabeça e pegou a mão da irmã mais velha, que o conduziu por entre os passageiros até a porta.

– Vou daqui a pouco. Ainda preciso de ar fresco... – disse Paul.

Mas achou que os dois não o tinham ouvido, porque continuaram andando sem se virar. Permaneceu quieto. Era uma dádiva Dodo cuidar do irmão com tanto carinho. Isso poderia aliviar um pouco a dor da separação do menino e dar a Paul a oportunidade de restaurar seu equilíbrio interno.

Aquela fora a segunda visita a Marie e Leo em Nova York. A primeira ocorrera dois anos antes. Ele fora sozinho, pois Kurt estava em aula e Dodo, em um internato na Suíça. Na época, voltara para a Alemanha esperançoso, plenamente convencido de que a separação acabaria em breve e de que Marie voltaria para casa mais cedo ou mais tarde. Não sabia de onde tirara tanto otimismo. Mesmo naquela época, os indícios de um futuro opressivo em território alemão já eram claramente perceptíveis, mas ele não quisera enxergar a verdade. O reencontro com Marie ofuscara todo o resto. Aquelles poucos dias de êxtase que tinham passado juntos no pequeno apartamento, fazendo caminhadas pelo Central Park e passeios e excursões até o litoral se foram rápido demais. Após uma breve estranheza inicial, tinham sentido uma paixão e uma excitação semelhantes às de quando se conheceram na juventude. Aquela euforia lhe dera a certeza de que nada e ninguém poderia separá-los. Nem aquele país estrangeiro, nem o imenso Oceano Atlântico e muito menos Adolf Hitler, que mais cedo ou mais tarde desapareceria como uma assombração.

Mas ele se enganara redondamente! O tempo agira de forma traiçoeira e implacável contra eles, afastando-os cada vez mais. Trocaram muitas cartas ao longo dos dois anos seguintes. Na segunda visita, ele já chegou sabendo que Marie gerenciava seu próprio ateliê, que estava fazendo tanto sucesso que ela pudera assumir uma parte significativa das despesas do internato de Dodo. Paul estava feliz com o sucesso da esposa, mas só em parte, pois sabia quem lhe arranjara aquela loja e lhe dera suporte financeiro no início: Karl Friedländer, o colega sempre simpático e jovial de Marie. O homem aproximara-se de uma maneira tão sofisticada e gentil para enfim – sim, esta era a mais pura verdade – roubar-lhe a esposa.

É claro que Marie não traíra Paul: ela não estava dormindo com aquele homem, e Paul sabia disso. Mas, ainda assim, Karl, como ela o chamava, substituíra Paul em grande parte do que constituía seu amor por Marie: as conversas familiares, os encontros diários, os olhares íntimos, seu sorriso

e o sentimento de pertencimento e de disponibilidade mútua. E isso sem contar o empréstimo financeiro, que Marie supostamente quitara. O Sr. Friedländer desfrutava da companhia de Marie, privilégio que seu marido estava impedido de exercer. E nem sequer lhe restava a possibilidade de expressar sua raiva... Não! Paul tinha que trancar a ira e o ciúme em seu coração e fingir gratidão por aquele homem.

Aquela segunda visita fez com que ele visse isso com uma clareza angustiante. E essa não era a única coisa pesando em seu coração. Havia também a esperança cada vez menor de que aquela situação terminasse em breve.

As profecias de Robert estavam se confirmando da pior forma possível. Se no início ainda fora permitido que os judeus na Alemanha fizessem negócios e exercessem a maioria das profissões, agora a situação era outra. Desde os terríveis acontecimentos de novembro do ano anterior, quando tinham incendiado sinagogas e levado os homens judeus de todas as cidades alemãs para os campos de concentração, ficara claro de uma vez por todas o que o governo nazista estava tramando: a anulação dos direitos e o expurgo de todos os judeus que continuaram no país. Os judeus de Augsburg tinham voltado dos campos de concentração com a cabeça raspada e pânico nos olhos. Quase todos haviam decidido sair do país, mas, segundo Robert, o Estado exigia taxas tão altas dos emigrantes que não lhes sobrava quase nada quando iam embora. Paul ainda achava que, sendo sua esposa, Marie teria sido poupada de perseguições, mas decidiu não retomar esse assunto na visita.

De repente percebeu que estava com frio. Abotoou o casaco que tremulava ao vento. Os passageiros que havia pouco estavam ao seu lado na balaustrada para observar o continente desaparecendo ao longe já tinham se espalhado pelo deque. Muitos tinham se refugiado nas cabines, congelando de frio, e outros estavam deitados nas espreguiçadeiras, enrolados em cobertores. Paul deu mais um suspiro profundo e deixou o deque para cumprir sua promessa e ir até Kurt e Dodo.

Eles estavam viajando na segunda classe. Paul e Kurt estavam em uma cabine externa, e Dodo dividia uma cabine interna menos luxuosa com uma jovem espanhola – o que, segundo ela, não a incomodava.

– Nosso querido Kurt acha incrível poder ver o mar da cama – comentara ela. – Para mim tanto faz. Se quiser ver o mar, vou até o deque.

É claro que Dodo, do alto da maturidade de seus 23 anos, sabia que aquela viagem não era nada barata. A princípio nem quisera ir junto, de tanto dinheiro que a família já gastara com seu exame de conclusão na Suíça. Mas, por fim, Paul conseguira convencê-la. Afinal, Marie e especialmente Leo desejavam muito revê-la após tanto tempo.

Encontrou Dodo e Kurt na cabine externa, em meio a um monte de embalagens e papéis de embrulho. Marie não poupou presentes para seu filho mais novo. Leo também contribuía, assim como, claro, o onipresente Karl. Kurt estava agachado no chão, radiante, testando os novos carrinhos de corrida que disparavam pelos cantos sozinhos e sem chave para dar corda. Em casa, na Vila dos Tecidos, Paul construía junto com o filho uma pista de corrida de madeira para os carrinhos de metal que ocupava o quarto do menino quase inteiro. Mas só dava para usar os modelos caros de metal, enquanto os exemplares de borracha que ele ganhara ficavam enfileirados pegando pó na estante.

– E aí, algum presente bom? – perguntou Paul com alegria fingida.

– O Mercedes eu já tinha – balbuciou Kurt. – Mas não tem problema eu ter dois Flechas de Prata agora. Este é o Type D fabricado pela Auto Union; ele é novíssimo, papai. Foi Leo quem me deu. E ganhei um posto de gasolina de Karl. Olhe aqui! Dá até para desenganchar a mangueira e colocar gasolina dentro.

– Infelizmente o pagamento é em dólar e centavos de dólar – disse Paul após passar o olho nas descrições em inglês do brinquedo colorido de metal.

– Não tem problema, papai. Ainda temos dólares sobrando, não temos?

– Então posso encher o tanque aí – respondeu Paul.

– E eu também! – exclamou Dodo. – Quando eu estiver com meu carro novo.

Eles tinham repassado para Kitty o pequeno carro de Marie, que Dodo dirigira por um tempo. Para grande tristeza da tia, seu “carrinho querido” finalmente tinha desistido de continuar funcionando. Enquanto isso, tia Elvira fizera um fundo de poupança em nome de Dodo a fim de adquirir um dos novos Volkswagens, que em breve custariam 998 Reichsmark. O custo era de 5 Reichsmark por semana, e, ao chegar a 700, a pessoa entrava na lista de requerentes. A fábrica da Volkswagen queria entregar as primeiras remessas do carro popular já no ano seguinte.

– Um dólar por litro de gasolina! – determinou Kurt autoritariamente.
– Um dólar? – indignou-se Dodo. – Isso é exploração! Um litro costuma custar 39 centavos, e já não é nada barato!
– No meu posto custa um dólar – insistiu Kurt com teimosia, pegando seu novo Flecha de Prata e andando com ele por cima dos sapatos de Paul.
– Vrrrrrummm!

O garoto não dava nenhum sinal de estar enjoado. Paul ficou aliviado, assentiu para Dodo em agradecimento e começou a jogar fora as caixas e o papel de embrulho. Na mala grande havia outros presentes para Kitty, Henni, Robert, Gertrude, Tilly e família, Lisa e os filhos e inclusive para os empregados da Vila dos Tecidos. Inicialmente Paul se recusara a levar tudo aquilo com medo de ter problemas na alfândega, mas, como não suportara ver Marie desapontada, acabara cedendo. Afinal, era uma prova de seu grande afeto pela família e pela Vila dos Tecidos. Por que ele deveria se opor a isso?

Àquela altura, já se sentia um pouco melhor. Ainda não superara a dor por se despedir de Marie, mas conseguira abstrair. Tinham se despedido no apartamento – as malas estavam fechadas e o táxi amarelo já aguardava lá embaixo para levar seus dois filhos e ele para o porto. Marie estava pronta para ir para seu ateliê, cheirando a perfume americano e subitamente parecendo outra pessoa – não a Marie com quem ele dormira agarradinho e com tanta paixão em sua última noite juntos.

– Até o próximo reencontro, meu amor – sussurrara ela em seu ouvido. Ele a beijara, mas não conseguira responder nada. Quando eles se veriam de novo? Não havia perspectiva, pois a Alemanha caminhava inevitavelmente para uma guerra. Paul, veterano da Guerra Mundial, sabia o que aquilo significava.

Ajoelhou-se no chão para brincar mais uns minutinhos com Kurt. Mais um pouco e eles almoçariam no salão de refeições da segunda classe. Se Kurt continuasse bem, ele planejava levá-lo para explorar o navio mais tarde e talvez também jogar algumas rodadas de *shuffleboard*. O menino era tudo que lhe restara. Seu filho, que já mostrava uma excelente pré-disposição para se tornar um bom engenheiro e, se Deus quisesse, assumiria a fábrica um dia. Marie respeitava sua decisão de deixar o menino na Alemanha, ainda que ele fosse classificado como “mestiço judeu”, assim como seus dois irmãos. Não tocara no assunto durante a visita, e, quando Kurt

reclamara naquela manhã e dissera que preferia ficar com a mãe, ela o acalmara com seu jeito inteligente e gentil.

– Mas o que vai ser de Willi se você não voltar para ele?

Willi era o enorme cão marrom que, na verdade, pertencia a Liesel, mas se tornara o companheiro inseparável de brincadeiras de Kurt. O argumento realmente surtira o efeito esperado. Kurt dera um olhar assustado para a mãe e respondera:

– Você tem razão, mamãe. Não posso deixar Willi sozinho de jeito nenhum.

Paul ignorara a ofensa velada daquelas palavras. Era ridículo pensar que um cachorro era mais importante para seu filho que o próprio pai. O menino não conseguia compreender a magnitude de afirmações como aquela.

O clima costumava ser animado durante o almoço no salão de refeições da segunda classe. Elogiava-se o conforto a bordo do *Bremen*, que também oferecia algum entretenimento aos passageiros das duas classes superiores, assim como cabines confortáveis e boas refeições. Além disso, eles chegariam à Europa em menos de cinco dias, e só existia uma embarcação mais rápida: um navio a vapor francês cujo nome ninguém sabia. O comissário lhes indicou seus lugares, onde já estavam sentadas duas senhoras de meia-idade que seriam suas companheiras de mesa durante o resto da viagem. Seguiram-se as apresentações: as senhoras se chamavam Ingeborg Hartmann e Eva Kühn, eram irmãs, ambas viúvas, vinham de Hamburgo e tinham visitado o irmão, que emigrara fazia anos e tinha uma grande fazenda em Wisconsin.

– E você se chama Kurt? – perguntou a Sra. Hartmann, a mais velha das duas, sorrindo maternalmente para o menino de 13 anos.

– Hum, sim... – respondeu Kurt.

Ele encarava com fascínio os caninos superiores da senhora, que tinham se soltado da arcada por um instante.

– Você é um menino muito bonito – comentou a Sra. Hartmann, que aparentemente nem percebera o pequeno incidente com sua prótese. – Nossas duas sobrinhas têm 12 e 13 anos e com certeza vocês seriam bons amigos.

– Elas gostam de carros de corrida?

– Não sei. Mas as duas sabem cavalgar, e Lizzy, a mais velha, já pode dirigir o trator.

A última informação deixou Kurt impressionado. Ele também gostaria

de dirigir um trator, daqueles que via aqui e acolá nos campos da região de Augsburg.

– Também sei cavalgar – respondeu ele com seriedade.

– Ora, vejam só! – disse a Sra. Kühn, a irmã mais nova, dirigindo seu olhar para Paul, que estava ocupado com a sopa de tomate. – Então o senhor deve ter uma bela propriedade, Sr. Melzer, já que tem cavalos.

Paul conhecia muito bem aqueles olhares de damas solitárias. Já percebera na viagem de ida que despertava seu interesse por estar viajando com o filho pequeno e a filha adulta, mas sem a esposa. Mulheres de idades variadas o abordavam, faziam-lhe elogios, mostravam-se disponíveis ou até mesmo provocantes, e na noite de dança, de que só participara por causa de Dodo, fora difícil escapar das encantadoras companhias femininas. As investidas só pararam quando Dodo gritara em alto e bom som para ele:

– Que pena que a mamãe não está aqui, não é, papai? Ela teria se divertido muito hoje!

Ele não ficara chateado com a filha e achara graça de sua explosão com as senhoras inconvenientes. Afinal, aos 50 anos, ainda era bastante atraente – ficava bem de terno e as poucas mechas grisalhas que tinha nas têmporas mal apareciam em meio à sua cabeleira loira e farta.

Agora Dodo se intrometia antes mesmo que o próprio Paul conseguisse responder às perguntas curiosas.

– Meus pais têm uma fábrica de tecidos em Augsburg, senhora. Os cavalos pertencem à minha tia-avó, mas agora ela decidiu parar de trabalhar e abandonou a criação.

– Ah, que interessante – observou a Sra. Kühn com simpatia, mexendo a sopa. – Quando criança, eu também cavalgava na fazenda do nosso avô. É verdade, já passamos férias inesquecíveis por lá, não é, Ingeborg?

Sua irmã assentiu com um sorriso sonhador e perguntou se a mãe dos jovens também sabia cavalgar.

– Não. É estilista e faz vestidos de festa.

– Que prático – comentou a Sra. Hartmann, olhando na direção de Paul.
– O senhor produz os tecidos e sua esposa faz os vestidos. Isso é o que chamo de uma empresa familiar.

Ela tocou os lábios de leve com o guardanapo e jogou-o descuidadamente dentro do prato de sopa vazio.

– Isso mesmo – respondeu Paul logo em seguida. – Nós de Augsburg temos um pensamento econômico. A senhora gostou da sopa?

– Ah, meu Deus, pois é, é sopa de lata. A sopa feita de ingredientes frescos é outra coisa.

Kurt também não aprovara a sopa, porque tinham jogado salsinha em cima, e era difícil evitar o matinho verde nas colheradas. Por fim, comera o ensopado de frango com grande apetite e dissera apenas uma vez para Dodo que a comida era mais saborosa na Vila dos Tecidos. Paul sorriu com satisfação e empurrou sua sobremesa para ele: mousse de chocolate com chantili. Mas a porção era tão pequena que teria cabido em um copinho de aguardente.

– Espero que nos vejamos hoje à noite – disse a Sra. Kühn com um sorriso cordial. – Vai ter uma palestra muito interessante sobre a “ordem teutônica”.

Paul já tinha visto o cartaz, no qual estava escrito: “A Ordem Teutônica: a pioneira do espírito alemão no Oriente”. O palestrante era um tal de Breitenbach, camarada do partido, cujas credenciais para o tema não estavam claras. Provavelmente seria uma das ações propagandistas comuns dos nacional-socialistas. Ele não estava com a menor vontade de ouvir aquela ladainha.

– Infelizmente terei que recusar desta vez, senhora – respondeu Paul com educação. – Prometi ao meu filho que jogaria cartas com ele.

– Mas talvez a senhora sua filha possa assumir essa tarefa – respondeu a Sra. Kühn, que não desistiria tão fácil da possibilidade de conhecê-lo melhor.

– A senhora filha dele – disse Dodo enfaticamente – tem seus próprios planos para hoje à noite, senhora.

Em seguida levantou-se, assentiu aos olhares de consternação com ar austero, deu um sorriso para o pai e se afastou. Paul aproveitou a oportunidade para também se retirar com Kurt.

Enquanto jogavam *shuffleboard*, Kurt conheceu um menino de 15 anos, de Bremen, que passou a jogar com ele, o que permitiu a Paul se sentar em uma das cadeiras disponíveis e só ficar observando. Kurt até que jogava bem: tinha calma, media a distância com os olhos, mirava com serenidade e, quando perdia a jogada, refletia sobre o que poderia ter oca-

sionado o erro. Paul gostava daquele tipo de comportamento. Na escola, Kurt também mostrava saber se concentrar nos problemas propostos e refletir sem se distrair com facilidade. Após o feriado de Páscoa, entraria no sexto ano do ginásio Santa Ana com notas entre boas e excelentes. Estava à frente dos colegas especialmente em matemática, algo que todos os seus professores tinham confirmado. Seu único defeito era a tendência à teimosia. Já acontecera várias vezes de se negar a continuar participando da aula por ficar com raiva de uma punição que, aos seus olhos, era injusta. Aí ficava sentado em sua carteira com os braços cruzados e não abria mais a boca, birrento que era. Paul se preocupava com a possibilidade de negarem sua entrada no ginásio por causa desse temperamento, apesar de seu bom desempenho acadêmico. Afinal, não podiam esquecer que a mãe de Kurt era judia.

Contra a sua vontade, seus pensamentos voltaram aos acontecimentos das semanas anteriores. Como Leo, seu filho mais velho, estava diferente! Aquele rapazinho reservado e inseguro que viajara com Marie para Nova York quatro anos antes virara um homem-feito que encontrara sua vocação e se estabelecera profissionalmente. Tornara-se um jovem americano que usava roupas e corte de cabelo da moda de Nova York, e conseguia falar sem esforço nenhum com qualquer pessoa na rua, fosse negra, branca, asiática ou árabe. Seu enorme dom musical, que Paul julgara inútil durante tantos anos, acabara sendo a base de sua profissão. Leo dirigia uma orquestra particular, tinha muitas apresentações e ainda compunha trilhas sonoras, que lhe rendiam um bom dinheiro. Para trabalhar sem ser perturbado, como alegava, alugara um pequeno apartamento em que também passava a noite de vez em quando. É claro que o apartamento servia principalmente de ninho de amor para ele e a namorada, uma jovem chamada Richy que ele casualmente apresentara ao pai como “meu amorzinho”. Eles não pareciam estar planejando se casar, o que Marie também achava estranho, mas Paul não tinha nenhuma intenção de conversar com o filho sobre sua relação, pois não sentia ter autoridade para isso.

Ele tinha um misto de sentimentos em relação à garota. Era linda, esbelta, de um tipo mediterrâneo, com os cabelos negros e olhos escuros que tinham um brilho provocante. Como homem, ele a achava fascinante e provavelmente também teria se apaixonado por ela se tivesse a idade de Leo. Como pai, contudo, tinha suas reservas, porque a ambição de Richy

era tão grande quanto sua beleza. No momento, o grupo de dança ao qual pertencia tinha acabado e ela estava desempregada. Era algo que acontecia com frequência em Nova York: as muitas instituições culturais privadas precisavam dar um jeito de financiar a si mesmas, muito mais do que na Alemanha. Quando uma delas ia à falência, os artistas infelizmente pagavam o pato, iam para o olho da rua e eram obrigados a se virar para achar um lugar para ficar. Richy tinha várias entrevistas em companhias de dança, mas, ao que parecia, isso a deixava nervosa e sensível, o que acabava afetando Leo também.

Mas aquela situação incomodara principalmente Dodo. O reencontro dos irmãos, que fora muito reconfortante no início, tomara um rumo hostil sem dúvida por causa de Richy. Nem ele nem Marie ficaram sabendo o que acontecera de fato, mas era claro que Dodo não se entendera com a garota e que Leo, por fim, tomara o partido da namorada contra a irmã. Dodo ficara profundamente magoada com o ocorrido e cortara relações com Leo. Passara os últimos dias no ateliê de Marie e encontrara-se também algumas vezes com Walter, que havia ficado muito feliz em revê-la e, em relação a Richy, concordava cem por cento com a opinião dela. Assim como Marie, Walter tentara convencer Dodo a solicitar a cidadania americana para estudar nos Estados Unidos, mas Dodo rejeitara a ideia. Ela queria ficar na Alemanha e tinha esperanças de conseguir estudar engenharia aeronáutica na faculdade técnica em Munique. Entrara em contato com o engenheiro Willy Messerschmitt, com quem fizera um estágio em Augsburg, e ele havia prometido interceder a seu favor.

– Você sabe muito bem que tipo de avião a Alemanha está construindo! – afirmara Marie. – São aviões de caça próprios para a guerra.

Mas Dodo se mostrara obstinada. Sim, eles estavam construindo aeronaves aptas para a guerra, era verdade. Mas também aviões comerciais e aviões esportivos.

– Os outros países também estão agindo como a Alemanha – afirmou ela. – Não vá me dizer que os Estados Unidos não estão construindo aviões de caça.

Paul ficara feliz por Dodo voltar com ele e Kurt para casa, mas temia que ela também acabasse decidindo ir para a América, porque não conseguia acreditar que a influência do Sr. Messerschmitt seria grande a ponto de conseguir uma vaga na faculdade de engenharia aeronáutica para uma

jovem de ascendência judaica – apesar de Dodo ter as características físicas que os atuais detentores do poder na Alemanha valorizavam. Era loira de olhos azuis, alta e magra, e, com seus cabelos curtos e cacheados, facilmente se passava por um rapaz. Mas provavelmente não demoraria muito até ele perder também a filha para os Estados Unidos.

A consciência de que o futuro de seus filhos gêmeos não estava mais em sua Alemanha natal, mas na América, era mais que amarga. Os nazistas tinham destruído sua família, separando-o da esposa e levando seus filhos para fora do país. O que lhe restava? Por que ainda voltava para Augsburg?

A resposta era a fábrica, o legado de seu pai. Além de algumas outras pessoas que ele amava e que esperavam por ele em seu lar. E seu filho mais novo, em quem depositava todas as esperanças.

– Ganhei três vezes! – exclamou Kurt em voz alta, arrancando-o de seus pensamentos sombrios. – Martin só ganhou duas e é mais velho do que eu. Posso mostrar meus carrinhos para ele, papai?

Como as crianças são despreocupadas, pensou Paul. Brincam, competem e vivem o aqui e o agora. Eu deveria me espelhar nelas e não ficar remoendo tanto as coisas. Precisamos lidar com os desafios à medida que eles surgem, enfrentar dia após dia, resolver os problemas e seguir em frente. Enquanto tivermos força.

– Claro que pode, Kurt. Mas primeiro ele tem que perguntar para os pais dele.

– Vamos perguntar, papai...

Martin se revelou um colega gentil que adorou a frota considerável de Kurt e provou ser um frentista empolgado. Paul observou os dois brincarem por alguns instantes e depois sentiu necessidade de respirar um pouco de ar fresco e dar uma olhada em Dodo. Encontrou-a no deque em uma conversa animada com um grupo de jovens. Ao que parecia, eles se davam bem, volta e meia riam, e era fácil identificar a voz estridente de Dodo em meio ao burburinho. Ele acenou para ela rapidamente e caminhou em direção à balaustrada. Inspirou bem fundo e sentiu a brisa revigorante do mar nas narinas. O céu estava quase sem nuvens, só havia algumas névoas delicadas passando acima deles, o que não abalava o forte sol de abril. A luz ofuscava a visão ao se refletir nas ondas azul-esverdeadas; era possível sentir o barulho ritmado e a leve vibração das turbinas e, por um momento, Paul simplesmente admirou aquele navio enorme, aquela proeza da tecno-

logia moderna que seguia solitariamente em direção à Europa pelo gigantesco Oceano Atlântico.

– Justamente – disse uma voz masculina não muito longe dali. – Desde tempos imemoriais os alemães ocupam o leste. Por isso é mais do que justo liberar a cidade de Danzigue das autoridades portuárias polonesas e torná-la alemã em breve, como o Führer exigiu...

A voz pertencia ou ao Sr. Breitenbach, que daria a palestra naquela noite, ou a um colega de mesma convicção. Paul olhou discretamente para o lado e avistou a Sra. Hartmann e sua irmã conversando com dois homens.

– A Polônia é um país de paisagens lindas – comentou a Sra. Kühn. – Ano passado fomos visitar um conhecido que tem uma fazenda lá.

– É verdade – retrucou um dos homens com educação. – É um país bonito. E os poloneses em si não são pessoas indignas. Infelizmente o país está infestado de judeus, senhora. É uma tragédia! Eles controlam o comércio, as finanças e, é claro, também influenciam o governo.

– É mesmo? Não sabia disso...

– Bem, graças a Deus o Führer garantiu que nos libertássemos das maquinações dos judeus em nossa pátria. Mas países como a Polônia e a Hungria ainda precisam ser minuciosamente purificados...

Paul conhecia aquele discurso. Àquela altura, ele era feito abertamente por toda parte, e era melhor calar-se diante dele, já que qualquer tipo de objeção seria inútil.

– Ah, sim – disse a Sra. Hartmann com um suspiro. – Os judeus são nossa desgraça, isso todo mundo sabe. Apesar de que... Também há judeus simpáticos, não é mesmo, Eva? Seu antigo professor do primário, por exemplo, que lutou na Guerra Mundial com tanto entusiasmo pelo imperador e pela pátria e voltou da batalha com uma perna só...

– Mas as exceções são raríssimas. – Ela foi interrompida pela voz masculina. – Quando o assunto é a questão judaica, não podemos ceder a nenhum tipo de sentimentalismo. Não existem judeus bons ou ruins. Judeus são judeus. E os judeus têm que ir embora da Europa!

– Nisso o senhor tem razão – disse a Sra. Kühn com um suspiro. – Nosso pai pegou dinheiro emprestado de um banqueiro judeu em sua época. E imagine só o senhor que quando não conseguiu mais pagar as prestações, o judeu tomou-lhe a casa...

– Está vendo, senhora? Eles são assim, os judeus. São todos vigaristas!

– Ah, estamos muito ansiosas para ver sua palestra, Sr. Breitenbach...

Paul se virou e foi para o outro lado do deque; caminhou para cá e para lá durante algum tempo, angustiado, e depois ficou parado para ver os jovens jogando *shuffleboard*. Então sentiu a depressão se apoderar dele como uma nuvem carregada.

Por que não tinha se virado e contestado as afirmações? Dividido sua opinião com sinceridade e coragem? Por que se calara como um covarde?

Por medo. Pelo seu filho. Pela fábrica. Pelas pessoas que amava.

Durante a noite, ele sentiu o balançar das ondas, e até de manhãzinha lutou contra uma náusea torturante que não o acometera na viagem de ida.

Agosto de 1939

Seria mais um dia quente. Christian, o jardineiro, regava as fúcias e petúnias do canteiro redondo em frente à mansão. Os campos do parque também tinham sofrido com o calor e estavam com algumas áreas amareladas. Uma neblina de fumaça pairava sobre Augsburg e se densificava em direção ao norte, onde ficavam as fábricas de máquinas MAN. Os empregados tomavam rapidamente o segundo café da manhã antes que Liesel precisasse da mesa comprida para preparar o bolo de levedura. Passavam o bule de café com leite entre eles, colocavam presunto ou linguiça nos pãezinhos, e a pequena Anne-Marie, de três anos, estava sentada no colo da Sra. Brunnenmayer com a boquinha suja de geleia.

– Meu Deus, Fanny, preste atenção! – exclamou Liesel para a cozinheira.
– Senão vai melar todo o avental com geleia de morango.

A Sra. Brunnenmayer, que já estava “aposentada”, como dizia jocosamente, ainda passava o tempo todo na cozinha. Tinham colocado uma cadeira com duas almofadas para ela lá, junto com um banquinho para suas pernas doloridas. Daquele “trono”, ainda coordenava tudo o que acontecia na cozinha e nunca deixava de dar sua opinião.

– Mas a menina gosta... – disse ela bondosamente, limpando a boca da pequena com um pano. – Já comeu meio pãozinho com geleia de morango. Ela sabe o que é bom, nossa Anne-Marie.

A filha de Liesel e Christian era uma criança pequenininha e loira que herdara os grandes olhos azuis do pai. Graças a Deus, fora poupada de herdar suas orelhas de abano, mas a timidez também estava em seus genes. Não ia de vontade própria com mais ninguém além dos pais, da avó Auguste e da Sra. Brunnenmayer; e quando o carteiro ou um entregador entrava na cozinha, escondia-se com medo atrás das costas largas da cozinheira.

Em compensação, tinha grande afeto por Willi. De manhã, quando Kurt estava na escola, o cachorro ficava na cozinha, e não raro a menina de três anos e o animal ficavam sentados pacificamente debaixo da mesa dividindo biscoitos ou uma fatia de pão.

Auguste, que havia sido chamada pela Sra. Alicia, voltou à cozinha, esbaforida, limpou o suor da testa com a pontinha do avental e pegou um pãozinho da cesta.

– O que vocês acham que ela queria de mim de novo? – perguntou ela, balançando a cabeça. – A patroa queria porque queria as botas de couro brancas com pelo. Justamente hoje que vai fazer um calorão. Fiquei procurando as malditas botas durante horas, enquanto ela ficava falando que alguém devia tê-las roubado...

– Meu Deus! – exclamou Hanna, assustada. – Você está falando daquelas botas de couro Saffiano cheias de botões?

– Sim, essas mesmas – respondeu Auguste enquanto bebia o café.

– Mas já faz dois anos que demos aquelas botas para o Auxílio de Inverno – disse Hanna, suspirando profundamente. – Você não se lembra?

– Claro que me lembro! – respondeu Auguste. – Mas não podia dizer isso para a patroa, porque ela não se lembra mais e ia me acusar de estar mentindo. Passa o presunto defumado, Humbert.

– Uma fatia para cada um! – interpôs a Sra. Brunnenmayer, porque Auguste já estava com uma segunda fatia enfiada no garfo.

– Tudo bem – resmungou Auguste. – Peguei sem querer.

– Só estou dizendo porque ontem não sobrou nada para o Christian, que sempre é o último a chegar! – respondeu a cozinheira.

– Então Willi deve ter se deliciado – disse Auguste com uma expressão inocente, colocando o presunto na fatia do pão.

– Sim, a Sra. Alicia não está nada bem – comentou Else com preocupação. – Às vezes não fala coisa com coisa. Ontem me disse que tinha rompido a artéria do joelho, e eu fiquei sem saber o que responder.

Infelizmente não havia mais como ignorar que a Sra. Alicia, com seus 80 anos celebrados no ano anterior, quando ainda estava com uma saúde muito boa, ficara um pouco esquisita nos últimos tempos. Com cada vez mais frequência, pedia para Hanna e Auguste lhe trazerem objetos aleatórios, como chapéus ou roupas de que não precisava ou que não tinha mais fazia um bom tempo. Alguns dias antes, repreendera Auguste por ter “dado

um sumiço” no lenço rendado que usara no batizado de Paul. Seu jeito de falar, que sempre fora discreto e apropriado, também mudara. Humbert ficara perturbado ao ouvir a patroa se referindo à filha Lisa com a maldosa expressão “balofa”.

– Melhor não dar mais trela para ela – comentara Humbert. – Tem que fazer o que ela pedir, ser gentil e tentar distraí-la quando ela cismar com alguma coisa. Não podemos contrariá-la de jeito nenhum...

– Para você é fácil falar – disse Auguste com ironia. – Você não passa muito tempo com ela, Humbert. O pepino maior sobra para mim e para Hanna.

– Ah, não acho tão ruim assim – comentou Hanna humildemente. – Ela está um pouco excêntrica, é normal nessa idade.

– Hanna, a alma caridosa da Vila dos Tecidos – disse Auguste, sarcástica, e deu uma mordida no pão com presunto. – Um dia vai ganhar a Ordem do Mérito do Reich por gentileza e docilidade.

A pequena Anne-Marie, aborrecida, começou a espernear e desceu do colo da Sra. Brunnenmayer para se esconder debaixo da mesa, onde Willi, à espera da amiga, pegou de bom grado a fatia de pão com manteiga que a menina segurava diante de seu focinho.

– Ela passa o tempo todo rastejando com o cachorro – resmungou Auguste. – Fica coberta de pelos e pode até pegar pulga.

– Ah, deixe-a, mamãe – disse Liesel. – Daqui a pouco Kurt volta da escola, aí Willi some daqui.

Hanna serviu-se de mais um café e disse que o pobre Kurt passava muito tempo trancado no quarto.

– Não é normal um menino ter que estudar tanto assim – opinou ela. – Justamente agora no verão, quando poderia estar brincando lá fora no parque.

– Ah, em breve vão começar as férias de verão – opinou Humbert. – Aí chega de estudo.

– O menino está sentindo falta da mãe – disse a Sra. Brunnenmayer. – E desde que esteve em Nova York com o patrão e com a Srta. Dodo, sua tristeza aumentou. Não é saudável metade da família morar aqui e a outra lá na América. Mas não tem jeito, vai ter que ser assim enquanto os malditos nazistas não quiserem mais judeus no país.

– Você não deveria culpar os nazistas o tempo todo, Sra. Brunnenmayer – reclamou Else. – É verdade, tem a questão dos judeus, mas o Führer não

tem culpa disso. É Himmler, ele sim é o culpado por tudo isso. E Goebbels, que incita todo mundo contra os judeus. Mas não aceito que critiquem nosso Führer Adolf Hitler!

– Você se perdeu dentro daqueles belos olhos azuis, Else – comentou a cozinheira com ironia. – Agora acha que ele é Deus e Jesus Cristo personificados em um ser só. Como uma mulher com a sua idade pode ser tão burra para se deixar seduzir por um homem daqueles?

Mas Else, que vira o Führer ao vivo e em cores dois anos antes, quando ele passara pelas ruas de Augsburg, não queria dar ouvidos àquele tipo de comentário.

– Mas você não tem como saber – afirmou ela. – Eu o vi, a menos de dois metros de mim. O capô do carro dele estava aberto, e eu olhei diretamente em seus olhos. Não tem farsa nenhuma por trás daquele homem. Ele é o escolhido, é uma pessoa muito especial. Juro por tudo que há de mais sagrado nesta vida!

– Não precisa ficar nervosa desse jeito, Else – disse Auguste. – Com certeza Hitler é uma pessoa especial. E também é verdade que fez muito pela Alemanha. Tirou os desempregados das ruas. Maxl está ganhando tanto na floricultura que já contratou três pessoas, e a fábrica do patrão também vai muito bem das pernas.

Else assentiu com satisfação, mas os outros não manifestaram seus pontos de vista. Era inegável que a situação estava melhorando na Alemanha: as lojas estavam cheias de produtos, o poder aquisitivo das pessoas subira, e qualquer um que quisesse trabalhar encontrava emprego. Especialmente a MAN, que produzia motores e grandes máquinas, precisava de trabalhadores o tempo todo, e centenas de pessoas (entre as quais muitas mulheres) estavam empregadas na Bayerische Flugzeugwerke, a fábrica de aviões da Bavária, em Hochfeld. Os pobres recebiam auxílio da previdência popular, cujos cartazes afirmavam que ninguém mais precisaria passar fome na Alemanha.

Ainda assim, nem Hanna nem Humbert conseguiam se afeiçoar ao nacional-socialismo. Hanna não era do tipo que expunha sua opinião para todo mundo e se manifestava apenas raramente sobre o assunto. Mas não gostava do jeito valentão dos nazis e ficava incomodada com o discurso depreciativo que faziam sobre a igreja. Já Humbert, que lia o jornal todos os dias, lhes assegurava toda hora que Hitler estava planejando uma guerra e que a situação em breve seria a mesma de Verdun. Não explicava exa-

tamente o que queria dizer com aquilo, mas todos sabiam que Humbert vivera coisas como soldado que quase tinham levado sua sanidade embora.

– Agora tratem de terminar de comer – disse Liesel, que não gostava nada daquele tipo de conversa. – Preciso fazer o bolo de levedura, e os bifés do almoço também não foram empanados ainda.

– Você gosta de apressar sua mãe desse jeito? – indagou Auguste, reprimendo a filha. – Mal consegui comer meu pão em paz, e você já está nos enxotando daqui.

– Sinto muito, mamãe – disse Liesel, sentindo-se culpada. – Mas ainda tem todos os preparativos do jantar. O Sr. Von Klippstein e sua esposa virão visitar os patrões novamente.

Auguste, que não estivera sabendo de nada até então, ficou furiosa no mesmo instante.

– Esse homem de novo! – resmungou ela. – Desde quando eles passaram a aparecer aqui a cada duas semanas? Antigamente apareciam aqui no máximo a cada dois meses, e já era irritante o suficiente. Que maravilha. Precisaremos servir a patroa Gertie de novo e ouvir suas insolências. Antes ela se sentava com os empregados à mesa da cozinha, e agora faz o papel de madame e quer mandar na gente. Só falta eu ter que fazer uma mesura para ela.

Gertie, que agora se chamava “Gertraut von Klippstein”, fora camareira da mansão antes de, como Auguste gostava de dizer, se casar para subir na vida e se tornar a esposa do Sr. Von Klippstein. O Sr. Von Klippstein fora sócio da fábrica de tecidos dos Melzers durante algum tempo, se casara com a cunhada de Kitty, Tilly, e se mudara com ela para Munique. Mas o casamento não durara muito. Agora Tilly estava casada com o Dr. Kortner, e o Sr. Von Klippstein, que era um nacional-socialista convicto fazia anos, encontrara a felicidade ao lado da loira Gertie.

– Já arrumei o quarto de hóspedes hoje cedo – informou Hanna. – Eles passarão duas noites aqui, depois vão voltar para Munique.

– O patrão também não está nada feliz com as visitas – comentou Humbert, levantando-se para entregar as xícaras e os copos para Hanna lavar. – Pelo que ouvi, o Sr. Von Klippstein anda bisbilhotando a fábrica, analisando os livros e dando instruções sobre a produção.

– E ele pode fazer isso? – perguntou Auguste, irritada. – Afinal, a fábrica pertence ao patrão. E ninguém pode lhe dar ordens, ou estou errada?

Humbert limpou duas migalhas da calça e levantou-se para vestir o casaco por cima do uniforme.

– Não sei dizer ao certo – afirmou ele, alongando as vogais e franzindo a testa. – Mas o Sr. Von Klippstein tem a função de visitar vários setores da indústria e ver se tudo está em ordem.

– Ele está é verificando se as empresas têm espírito nacional-socialista suficiente – comentou a Sra. Brunnenmayer, que não deixava passar nada que dizia respeito aos moradores da mansão e à fábrica de tecidos. – E, justamente por isso, o patrão tem que ficar pianinho com ele, mesmo que não seja nada fácil.

– Misericórdia – disse Auguste, angustiada. – Por isso aquela estúpida fica se exibindo para a gente, com anéis de brilhante em todos os dedos, roupas da moda e sapatos que custam uma fortuna. Quanto dinheiro esse homem gasta com ela! Ela chegou a ganhar peso, com os peitos atochadíssimos quase pulando para fora da blusa...

– Disso você não precisa ter inveja, Auguste – comentou Else com ironia.

– Despeitada eu nunca fui mesmo! – replicou Auguste.

Ela empertigou-se com orgulho, lançando um olhar desdenhoso para a blusa de Else, que até então não havia desenvolvido nenhuma forma feminina.

A campanha soou, o que significava que Auguste estava sendo convocada pela Sra. Elisabeth no anexo. Hanna buscou o espanador, o balde e o pano para fazer uma faxina completa no salão dos cavalheiros, que certamente seria usado naquela noite. Enquanto isso, Humbert se apressou para tirar o que restara do café da manhã dos patrões e pôr a mesa do almoço. Liesel tirou sua filha de baixo do móvel, limpou suas mãozinhas, pegou a pequena no colo e abriu a janela.

– Onde será que seu papai se enfiou hoje de novo... – disse ela. – Acabou se esquecendo do café da manhã entre os serviços no parque e nos canteiros de flores.

– Papai! Flor. Pituna...

– Você quer dizer petúnia, não é? – disse Liesel, dando risada.

– Pitona... Petana... Petuta...

Naquele momento, Liesel avistou seu amado perto dos cavalos e acenou para que ele viesse para a cozinha.

– Fritz levou as duas éguas e os potros para o outro curral, e é claro que meu querido Christian teve que ajudar – disse ela, balançando a cabeça. – Ele é bonzinho demais.

Os trakehner, trazidos da Pomerânia pela Sra. Elvira von Maydorn alguns anos antes, estavam agora sob os cuidados do filho mais novo de Auguste, Fritz. Para a mais profunda tristeza de Elvira, seu queridinho, o garanhão Gengis Khan, morrera inesperadamente no ano anterior após desenvolver câimbras e não se recuperar mais. Nem o veterinário conseguira ajudar. Não tardou para que Elvira, sofrendo cada vez mais com a conhecida dor nas costas, decidisse transferir o bastão da criação dos cavalos para a geração mais jovem. Fritz Bliefert, o filho mais novo de Auguste e um verdadeiro cavaleiro que passara cada minuto livre dos últimos anos de sua vida nos estábulos, parecera a pessoa certa para a missão. Havia terminado a escola secundária, e agora morava em um quartinho na casa do irmão mais velho e se dedicava aos seus amados trakehner do nascer do sol até o anoitecer.

– Dê-me a tigela de misturar e a colher de madeira grande, por favor – pediu a Sra. Brunnenmayer. – Aí já vou mexendo a manteiga, os ovos, a farinha e o açúcar enquanto você prepara a levedura.

Liesel olhou mais uma vez para o curral para se certificar de que Christian vira seu aceno. Quando se certificou de que ele estava a caminho da casa, fechou a janela e colocou Anne-Marie sentada no chão.

– Você não vai se cansar de mais mexendo os ingredientes, Fanny? – perguntou ela.

– Desde que eu não tenha que mexer com as pernas, está tudo bem. Meus braços ainda são muito fortes. Afinal de contas, faz quase cinquenta anos que lido com panelas.

Enquanto a Sra. Brunnenmayer batia a manteiga vigorosamente, Liesel começou a amaciar os bifes, temperá-los e salpicá-los com farinha para empaná-los. Nesse meio-tempo, a pequena Anne-Marie desapareceu debaixo da mesa para voltar a se refugiar ao lado de Willi.

– Sabe, Fanny – disse Liesel após fazer seu serviço em silêncio durante algum tempo –, Christian surgiu esses dias com uma ideia. Mas primeiro eu queria perguntar sua opinião.

– Pode perguntar – respondeu a cozinheira, desfazendo uma pelotinha de manteiga que não queria se dissolver.

Liesel respirou fundo para tomar coragem; afinal, ela achava a sugestão de Christian um pouco imprópria.

– Então... – disse ela. – Christian... quer dizer, nós dois, eu e Christian, gostaríamos de ter mais um filho. Christian disse que devemos tentar um menino...

– Mais um filho? – replicou a Sra. Brunnenmayer com pouco entusiasmo. – E como é que isso vai funcionar com duas crianças? Aí você mal vai conseguir trabalhar, menina!

– Ah, daremos um jeito nisso – comentou Liesel tranquilamente, minimizando a objeção e mergulhando um dos bifos nos ovos batidos. – Mas está sendo a mesma história que foi com Anne-Marie. Estamos tentando e tentando, mas ainda nada.

A Sra. Brunnenmayer franziu a testa. Gostava muito de Liesel, considerava-a sua sucessora natural na Vila dos Tecidos, mas queria saber o mínimo possível sobre a vida de casada de sua discípula. Aquilo não lhe dizia respeito, e ela também não tinha conselhos para dar, porque, sendo a solteirona convicta que era, não entendia nada de casamento.

– E aí Christian sugeriu um dia desses que talvez eu precise de uma mudança de ares – continuou Liesel. – Uma semana nas montanhas, em uma pequena pousada baratinha. Maxl lhe sugeriu um lugar...

A Sra. Brunnenmayer parou de bater a massa e pegou os ovos que Liesel separara para ela.

– Então é isso – comentou a cozinheira com um sorrisinho. – Você quer saber se conseguimos dar conta de ficar uma semana inteira sem vocês dois aqui na Vila dos Tecidos. O que posso dizer? Não vai ser fácil, mas a gente consegue.

– Pensei que Hanna e talvez Auguste possam dar uma mãozinha – disse Liesel com hesitação. – Mas, se o almoço desandar todos os dias e ainda por cima tiver visita, aí não sei, talvez seja melhor a gente não ir.

Pensativa, a Sra. Brunnenmayer adicionou três ovos ao preparo e mexeu a massa com cuidado antes de colocar o açúcar.

– Agora preste atenção, menina – falou. – Enquanto eu ainda tiver meus olhos e uma boca para falar, o almoço vai sair na Vila dos Tecidos. Então acho que você pode ir passear despreocupada nas montanhas com Christian. Vocês só têm que combinar isso com os patrões, é óbvio, e pedir autorização para viajar.

– É claro – disse Liesel, aliviada.

– Fico feliz por vocês – falou a cozinheira, fazendo um sinal para que Liesel pegasse a farinha. – Na minha época, nunca tirei férias, no máximo alguns dias de folga, mas geralmente eu ficava na Vila dos Tecidos, porque não sabia para onde poderia ir. Não tenho parentes, e a ideia de viajar sozinha para um lugar estranho nunca me agrad...

A porta para o pátio se abriu e Christian entrou na cozinha, coberto de poeira. Trocou um olhar interrogativo com Liesel, e, quando ela assentiu para ele com um sorriso, seus olhos brilharam.

– E cadê meu amorzinho? – perguntou ele, espiando embaixo da mesa. – Vem com o papai, vem! Vamos brincar de voar.

A pequena saiu rastejando de baixo da mesa e correu em sua direção, berrando de alegria.

– Voar, papai!

– Mas aqui na cozinha, não! – exclamou Liesel apressadamente, porque Christian já levantara a filha para girá-la no lugar. – A poeira vai acabar caindo nos bifés.

Obediente, Christian levou a filha até o pátio, e era possível ouvir os dois rindo e se divertindo. Depois Christian se sentou com a menina à mesa, onde Liesel já enchera sua xícara e colocara diante dele os dois pãezinhos que tinham sobrado junto com a manteiga e o presunto.

– Bom apetite – disse ela. – E amanhã trate de aparecer na cozinha pontualmente para o segundo café da manhã. Não posso guardar comida para você todos os dias.

Christian assentiu, dócil, e se esforçou para passar manteiga no pão, porque a pequena Anne-Marie balançava os bracinhos com vigor em seu colo.

– Então vocês vão tirar férias em breve – disse a Sra. Brunnenmayer, entregando a Liesel a tigela onde todos os ingredientes já estavam misturados.

A garota estendeu um pano limpo para tapar o recipiente da massa e o colocou na geladeira para crescer. Depois pegou a frigideira grande do gancho e alimentou o fogo, o que aumentara o calor na cozinha, que já estava forte. A Sra. Brunnenmayer se opusera veementemente à intenção da Sra. Elisabeth de comprar um fogão a gás.

– Enquanto eu estiver nesta casa – dissera ela –, meu fiel fogão a carvão me acompanha. Quando eu bater as botas, aí vocês podem comprar um fogão venenoso desses!

– Se a senhora estiver de acordo, Sra. Brunnenmayer – disse Christian, trocando olhares com Liesel novamente. – Gostaríamos de passar alguns dias nas montanhas. Aí Anne-Marie também poderia ver como sua pátria é linda.

– Por mim, vocês podem ir tranquilamente – retrucou a Sra. Brunnenmayer, tirando o lenço do bolso do avental para secar a testa. – E quando é que vocês pretendem ir?

– No início do outono – respondeu Liesel, contente. – Christian disse que não vai ter tanto serviço no parque. Depois disso ele tem que plantar as mudas, aí não daria mais.

Christian balançava a filha nos joelhos e assentiu em direção a Liesel. Em seguida, deteve-se, meteu a mão no bolso da calça e tirou um papel amassado de dentro.

– Já estava quase me esquecendo disso – disse ele, jogando o papel em cima da mesa. – Essa carta chegou ontem, mas Humbert só me entregou hoje de manhã. E aí eu acabei colocando dentro do bolso da calça.

– Mas o que é? – perguntou Liesel, que pegara o pote de gordura para jogar uma porção generosa dentro da frigideira. – Mais conta para pagar? Já pagamos a cama nova da menina.

– Não – respondeu ele com insegurança. – Uma coisa sem importância. É uma convocação para o exército. Com certeza é só um treinamento, mas eu preciso me apresentar na segunda-feira.

– Um treinamento? – perguntou a Sra. Brunnenmayer. – E o que vocês vão treinar?

– Ah, talvez eles tenham armas novas que a gente precise aprender a usar. Caso haja uma nova guerra, entende?

Ele olhou na direção de Liesel, que se virara para ele com um olhar apavorado.

– Não precisa se preocupar, Liesel – disse Christian com um sorriso. – Serão duas semanas no máximo. Estarei de volta muito antes de nossas férias.

Depois segurou agilmente a filha, que quase caíra de costas de seus joelhos.

CONHEÇA OS LIVROS DE ANNE JACOBS

A Vila dos Tecidos
As filhas da Vila dos Tecidos
O legado da Vila dos Tecidos
O regresso à Vila dos Tecidos
Tormenta na Vila dos Tecidos
Reencontro na Vila dos Tecidos

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

